

RESENHA

PRÁTICAS DE ENSINO DE LITERATURA: DO CÂNONE AO CONTEMPORÂNEO

Mateus de Sá Barreto Barros¹ (masbbarros@yahoo.com.br)

¹Universidade de São Paulo

VAZ, Artur Emilio Alarcon; MARTINS, Cláudia Ments; PIVA, Mairim Linck (Org.). **Práticas de Ensino de Literatura: do cânone ao contemporâneo**. Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2017.

A educação é fruto de constantes debates nas universidades públicas, independentemente da área de conhecimento ou curso, há uma preocupação em relação ao ato de ensinar, uma vez que cada geração possui características peculiares e anseios distintos, desafiando professores e alunos das licenciaturas a pensarem novas práticas de ensino, bem como novas abordagens dos conteúdos e incorporação de instrumentos capazes de auxiliar na elucidação das disciplinas ofertadas no ensino básico brasileiro.

Para além disso, deve-se considerar também às demandas sociais, sua institucionalização legal, a forma de lei, que apontam as diretrizes sobre as quais a educação e o educador devem atuar, a exemplo das Leis de Diretrizes e Bases (10.639/03) referentes ao ensino da história e cultura afro-brasileira. Certamente, há um distanciamento entre as demandas por parte da sociedade e, eventualmente, do próprio governo, bem como a capacidade e fôlego de implementação. Seja por questões ideológicas, pela falta de preparo do professor, pela inoperância da gestão das escolas públicas e privadas ou por puro menosprezo cultural e inferiorização do outro. A lei instituída há mais de uma década possui pouca aderência, tornando o debate nos movimentos sociais ainda mais calorosos, evidenciando o racismo institucionalizado, velado e hipócrita.

Como resposta, ademais das discussões e debates universitários e dos movimentos sociais, especialmente, dos movimentos negros, há um aumento agressivo das produções fonográficas, da arte plástica, da moda e da literatura dita “marginal”, por serem empreendidas por autores da periferia, em sua maioria, com pouca ou nula formação acadêmica. Nesse contexto, a periferia ditou ritmos antes considerados “som de preto e favelado”, estabeleceu uma moda própria, ou melhor dizendo, continuou a produzi-la, haja vista muitos aspectos da vestimenta burguesa vir do modo de ser e vestir dos descendentes de escravos, como a bengala e o chapéu – muito utilizados no século XIX e meados do século XX² – e aventurou-se pela escrita, tomando espaços e criando circuitos antes de posse da elite.

¹ Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo.

² MINTZ, Sidney. O Nascimento da Cultura Afroamericana.

Quando esses campos se encontram no espaço/território escolar, sobretudo nas escolas públicas, produzem conflitos, por vezes, velados. Há, nesse caminho: i) desinteresse por parte do aluno nos conteúdos ofertados; ii) a não identificação dos sujeitos com a história e literatura oficial; iii) em casos extremos, instaura-se a violência material como resposta à violência simbólica institucionalizada, branda, mas implacável.

Desse modo, como ensinar? o que ensinar? que meios utilizar? são questionamentos angustiantes e frequentes, realizados por pesquisadores, docentes e discentes das licenciaturas como forma de dirimir o abismo aberto não entre classes, entre professores e alunos, mas entre o universo de contextos em que se inserem as escolas no Brasil.

Assim sendo, o livro *Práticas de Ensino da Literatura: do cânone ao contemporâneo* (2017) possui como objetivo apresentar, não formas claras e específicas de ensino, mas caminhos possíveis. Em verdade, devido à realidade política atual, o risco de perdas de direitos e mudanças no rumo da educação, a obra não somente cumpre com o objetivo previsto de colocar em voga as diversas práticas de ensino, mas passa a ser uma defesa, não apenas a uma educação de qualidade para todos, e sim à necessária leitura de mundo para que o alunado receba, em sua formação, instrumentos de poder e resistência.

A literatura, como disciplina escolar, é um instrumento de compreensão do mundo, da história do país, de uma época e seus valores, rompendo, assim, com a barreira do tempo, abrindo horizontes e perspectivas, de maneira a oferecer aos alunos um arcabouço de conhecimento diversificado a partir de uma experiência estética.

A semente para o sonho, a participação na história de uma nação, o descortinar da estrutura social discrepante, os diálogos possíveis, especialmente, quando se trata do contemporâneo, da produção literária na atualidade, percebe-se propostas que proporcionam o reconhecimento de si no outro. Nesse caminho, destacam-se dois artigos do livro em questão, por irromperem o senso comum e buscarem, nas práticas periféricas e na oralidade africana, elementos constitutivos de formas de dizer e ser distintos, são estes, a saber: “Ritmo, poesia e identidade negra na sala de aula”, de Emerson Inácio; e “A África de *Aya de Yopougon*”, de Suillan Miguez Gonzalez.

Inácio se apoia no comparatismo literário para promover um diálogo, não apenas poético, mas também estético e ideológico entre dois poetas, o não tão conhecido Luís Gama, do período romântico (1830), e Mano Brown, rapper dos Racionais MC's (1982). Apesar de haver mais de um século de diferença entre os dois, o tempo não parece ser intransponível, assim como o peso das heranças culturais e sociais carregadas.

Luís Gama retratava a alma e essência negra, no final do século XIX, sendo muitas vezes, reconhecido por sua luta abolicionista, contudo, esquecido/menosprezado pela literatura e história por eleger um gênero tido como inferior na escala hierárquica da tradição literária, a sátira. Mano Brown, por seu turno, traz consigo o ímpeto da luta, do direito de existir e de expor a arte

eminentemente negra, a partir do rap, também visto com escárnio pela população elitista, embriagada com a evolução de melômano. Não se está afirmando que as circunstâncias contemporâneas do negro são as mesmas do período colonial, contudo, são muito semelhantes: as condições de trabalho; a qualidade da moradia; a luta pelo direito à cidade; a perda dos meios de produção; a batalha pelo simples fato de existir, enaltecer o corpo, espírito, a forma de pensar. Tudo isso configura o espaço e a psicosfera da população empobrecida brasileira.

A união, ainda que simbólica entre os dois poetas, pode servir de munição a professores que assumem o desafio de ensinar a literatura e história afro-brasileira. Ao passo que atualiza as aulas de literatura e pode produzir o encantamento nos alunos do ensino médio, porque diz respeito à atualidade, não apenas nas formas literárias, mas também discursivas e de produção da realidade. Emerson Inácio não se propõe estabelecer um caminho linear para realizar tais aproximações, porém garante os professores de ideias e veredas capazes de sobrepujar práticas que pouco contemplar a periferia.

Por sua vez, Suillan Miguez Gonzalez acaba por trazer à tona a outra parte do diálogo existente sobre o negro, a África ou Áfricas existentes. Desde o princípio do século XX, estudiosos embarcaram nos estudos africanos, buscando desvendar a África e, por certo, compreender um pouco mais sobre o negro no Brasil, o então denominado “problema do negro”, em que estudiosos como Nina Rodrigues e Gilberto Freyre foram alguns dos interessados nesta questão.

Entretanto, as respectivas análises demonstraram ser um tanto quanto discriminatórias e o viés escolhido, míope, por eleger padrões culturais dominantes como foco de suas observações, considerando a realidade vivenciada pelo africano e seus descendentes sob uma perspectiva evolucionista, pondo o branco, sobretudo o educado sob os preceitos europeus, no topo da pirâmide. Desse modo, a sociedade cordial freyriana, permitia a coexistência com o negro, contanto que este permanecesse no lugar determinado, ocupando as funções que haviam nascido para exercer.

Com a independência dos países africanos, na década de 1970, o Brasil procura estreitar o diálogo e estabelecer uma agenda independente, o que acabou por colaborar para o forjar de uma pauta científica e cultural, possível pela proximidade histórica e as semelhanças entre os países. A África demonstrava ser uma excelente via para o estabelecimento comercial, assim como uma fonte viva para desvelar e compreender a realidade brasileira.

A partir da década de 1980, as pesquisas sobre os negros no Brasil tomam outros rumos, centrando-se na realidade afro-brasileira. Isto ocorreu devido aos investimentos realizados pelo governo federal no âmbito dos 100 anos do pós-abolição ocorrido em 1988. No entanto, apesar de um certo distanciamento entre Brasil e África, Gonzalez apresenta através da História em Quadrinhos (HQ) marfinense *Aya de Yopougon* um caminho contundente para compreender as semelhanças entre estes mundos. A autora considera a HQ como um instrumento de crítica do cotidiano, uma vez que permeia o universo de jovens mulheres, assim como suas angústias,

escolhas e conflitos culturais e de classe. O enredo aborda as vivências de três jovens, Aya, Adoua e Bintou no ano de 1978 e a história se passa na cidade de Abidjan, no bairro de periferia, Yopougon.

Narram-se as escolhas realizadas por Aya e sua vontade de estudar medicina, opondo-se aos desejos de sua família e da maior parte das mulheres de sua idade, que almejavam um casamento rentável. O alcoolismo, a gravidez precoce, o adultério, as violências simbólicas acabam por servir de pano de fundo da história, não muito distante da realidade das periferias do mundo, inclusive à brasileira. Para Gonzalez, esta HQ pode promover uma aproximação, não apenas no que se refere às nações, mas dos jovens estudantes com essa África estranha e comum, distante e próxima.

Para além destes dois textos apresentados, há outros doze a serem desbravados que reúnem material de estudo precioso aos professores de literatura, com obras, teorias, metodologias e ideias de como partir do cânone e chegar a uma prática docente que contemple o contemporâneo.

Recebido em 15/05/2018

Aceito em 16/05/2018